

De Florbela para Pessoa, com amor

Maria Lúcia Dal Farra*

Abstract

In this series of five poems, published here for the first time, I seek to imagine how Florbela Espanca might have poetically interpolated Fernando Pessoa, had she ever written to him from beyond the grave. My starting-point is the speculation – tantalising indeed – that Fernando Pessoa and Florbela Espanca’s paths could have crossed more than once. In real life, there was an overlap of several years during which both of them resided in Lisbon, and there is documental evidence to demonstrate that they frequented similar locations and had several acquaintances in common. Last but not least, even the way in which they conducted their amorous lives, as registered in the love letters between Pessoa and Ophelia Queiroz and Florbela and Antonio Guimarães respectively, suggests some uncanny resemblances.

Keywords

Florbela Espanca; Fernando Pessoa; love letters; imaginary encounters; poetic dialogues.

Resumo

Nesta série de cinco poemas, publicados pela primeira vez aqui, procuro imaginar como Florbela Espanca teria interpelado poeticamente Fernando Pessoa, se acaso ela lhe tivesse escrito do além-túmulo. O meu ponto de partida é a especulação – deveras tentadora – de que os caminhos de Fernando Pessoa e Florbela Espanca se possam ter cruzado mais de uma vez. Na vida real, houve vários anos em que os dois viveram em Lisboa, e existe evidência documental para demonstrar que frequentaram os mesmos locais e que tinham vários conhecidos em comum. Até a forma como conduziram as suas vidas amorosas, tal como ficou registado nas correspondências entre Pessoa e Ophelia Queiroz, e Florbela e Antonio Guimarães, respectivamente, sugere algumas semelhanças deveras inesperadas.

Palavras-chave

Florbela Espanca; Fernando Pessoa; correspondência amorosa; encontros imaginários; diálogos poéticos.

* Universidade Federal de Sergipe / CNPq.

Teriam Pessoa e Florbela se conhecido?¹ Teriam, ao menos, ouvido falar um do outro? Viveram ambos na mesma Lisboa em trânsito da República para o Salazarismo, freqüentando os mesmos ambientes: o Chiado, a Brasileira, o Martinho da Arcada e o Martinho do Chiado, a Bertrand e a Livraria Inglesa². Todavia, nunca houve, até onde se saiba, comprovação alguma sobre um pretenso conhecimento mútuo. Nem Florbela o menciona nos seus escritos, nem Pessoa a menciona nos seus, muito embora a poetisa esteja inserida na edição póstuma (de 1944) da *Antologia de Poemas Portugueses Modernos*, organizada por ele e António Botto (Fig. 1)³; muito embora haja no espólio de Pessoa um poema encontrado em 1985 (por Teresa Sobral Cunha) dedicado à poetisa, e posterior a 1930, uma vez que consagrado “à memória de Florbela Espanca”. Nessa peça datilografada, sem indicação de autor, a poetisa é invocada como “alma sonhadora | irmã gêmea da minha”.⁴

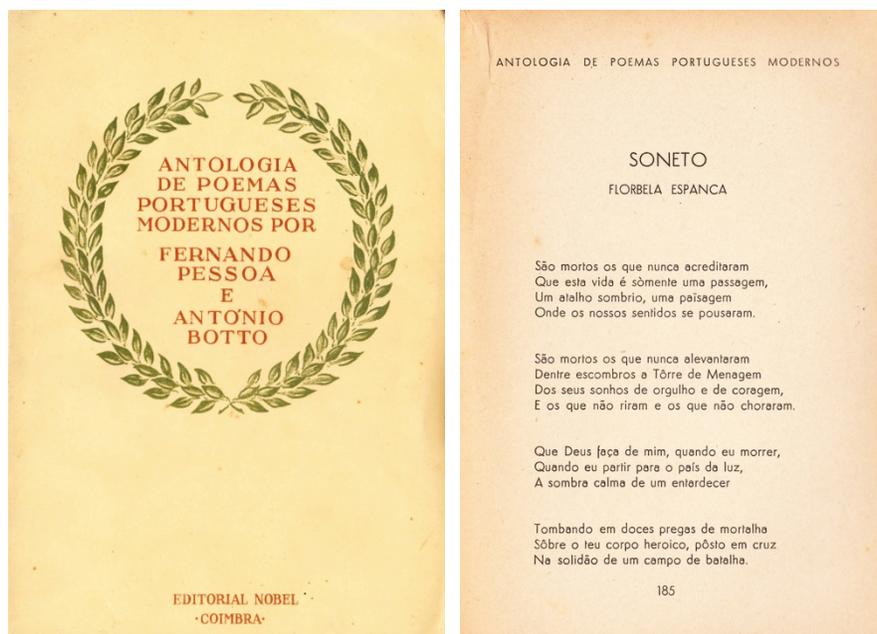


Fig. 1. Soneto de Florbela na antologia de 1944.

¹ O presente texto resulta da pesquisa narrada em duas conferências: a de abertura da IV Abraplip, em Manaus, UEA (“Florbela e Pessoa: um caso de amor?!”, em 06-11-2012) e a do Festival do Desassossego, na Casa Fernando Pessoa (“Homenagem ao Haquira Osakabe”, 10-06-2014, dedicada a Inês Pedrosa).

² Ver alguns selos da Livraria Inglesa e de outras livrarias das quais Pessoa era comprador assíduo, em: <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/index/selos.htm>

³ Publicada em Coimbra, pela Editora Nobel. A primeira edição em fascículos é incompleta e data de 1929, vinda à estampa pelo Centro Tipográfico Colonial de Lisboa.

⁴ Este poema (identificado com a cota BNP/E3, 66A-39 da Biblioteca Nacional de Portugal) foi publicado por mim como epígrafe de *Florbela Espanca, Trocando Olhares* (1994: 7). Segundo Jerónimo Pizarro, que me faz a gentileza de esclarecer por email (11-05-2015), “o poema em questão é de Eliezer Kamenezky e figura no livro *Alma Errante* (1932), prefaciado por Pessoa”. Ainda não disponível: <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/8-293A>

Pessoa nasceu seis anos antes dela e a ela sobreviveu por cinco anos. Criado na Cidade do Cabo (África do Sul), ele retornaria em definitivo a Lisboa aos 17 anos (em 1905). Florbela, oriunda do Alentejo (Vila Viçosa), freqüenta de tempos em tempos a capital, aonde viria residir em 1917, com 23 anos, ocasião em que vai se separar do seu primeiro marido (o professor Alberto Moutinho). Na altura, tinha ela como fito a freqüentação da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, onde será contemporânea de António Ferro, de Alfredo Pedro Guisado (ambos da geração de *Orpheu*), além de outros como José Gomes Ferreira, Norberto Lopes, Botto de Carvalho, Américo Durão, José Schmidt Rau, Augusto d'Ésaguy, por exemplo.

Pessoa viverá permanentemente em Lisboa até o final da vida, enquanto Florbela deixará a capital em meados de 1920, ano em que abandona a Faculdade para conviver com aquele que vai se tornar o seu segundo marido: o alferes da Guarda Nacional Republicana, António Marques Guimarães. Segue para o Porto (Matosinhos e Castelo da Foz) retornando a Lisboa em 1922 para ali permanecer até 1924 quando vai de novo residir no Porto (em Matosinhos). Mas mesmo nessa posterior época de sua vida, em que se casa pela terceira vez (com o médico Mário Lage, também do Porto), a poetisa viaja com constância a Lisboa, freqüentando os mesmos ambientes que Pessoa, sempre atenta à vida literária do país, como se pode constatar através da sua epistolografia. Da sua parte, Pessoa acompanha em direto os acontecimentos culturais não só de Portugal, como também da África do Sul, da Inglaterra e da França, e participa ativamente da *Renascença Portuguesa*, d' *A Águia*, da *Contemporânea*, da *Athena*, sem mencionar que ele próprio cria, em 1915, a mais significativa de todas elas: a revista *Orpheu*.

Teria sido possível, então, que Florbela não tivesse ao menos lido ou ouvido algum comentário sobre Pessoa aquando do escândalo gerado pela revista *Orpheu*? Florbela conhecia Fernanda de Castro, esposa de António Ferro, o "editor irresponsável" de *Orpheu* 1, desde quando a Fernanda fora namorada de Américo Durão. Foi a ela que Florbela telefonou para se despedir antes de, ritualisticamente, se matar no dia do seu aniversário de 36 anos.

Também é de se convir que a campanha a favor do erguimento do seu busto no Jardim Público de Évora, em que Ferro desempenha dúbio papel a partir de 1931, polémica que monopoliza os principais críticos de então (José Régio, Jorge de Sena, Vitorino Nemésio) – tenha sido pelo menos do conhecimento de Pessoa.

Por outro lado, Apeles, único irmão da poetisa (desaparecido precocemente em 1927), era praticante das artes plásticas, ele mesmo pintor e acompanhante cativo da irmã no tempo em que ela está em Lisboa. É de se supor que ele a tenha levado a alguma exposição dos modernistas, pois que trabalhara na *Ilustração Portuguesa*, onde também Almada Negreiros publicava. Foi, aliás, Apeles quem projetou para Florbela a capa não aproveitada para a edição do seu *Livro de Sórora Saudade*, estampada depois, na *Ilustração*, em que comparecem várias aquarelas suas.

Outro fato de grande repercussão desse período é o deplorável episódio da *Literatura de Sodoma*, que envolvera, em 1923 (ano em que Florbela dava à luz o referido *Livro*), a obra de dois amigos de Pessoa: a *Sodoma Divinizada*, de Raul Leal, e as *Canções*, de Antonio Botto. Daí que Pessoa se obrigue a uma intervenção pública que se fez notória. No olho deste furacão – um dos maiores escândalos literários do Portugal Republicano –, se encontrava uma terceira personagem: Judith Teixeira. Ela viria a ser (dois anos depois) a primeira diretora feminina de uma revista de artes, a requintada *Europa*, onde Florbela publicaria o soneto “Charneca em Flor” e onde Almada Negreiros estamparia suas gravuras.⁵

No entanto, Pessoa tomara o partido dos dois amigos sem tocar no nome de Judith. Tal omissão talvez se explique mercê da sua falta de interesse pelo trabalho das mulheres escritoras (que ele considerava invertidas) ou, quem sabe, da decisão de não se manifestar sobre a literatura que não lhe dizia respeito. Aliás, pela sua *Correspondência inédita* (organizada por Manuela Parreira da Silva em 1996), conhece-se a carta destinada a Adriano del Valle, em que Pessoa declara que Judith Teixeira “não tem lugar, abstracta e absolutamente falando” entre os maiores desse episódio (Pessoa, 1996: 61). Mas essa que não era assim tão “maior” quanto ele pretendia, fora vítima, como os seus amigos, desse estridente *affaire*, sendo o seu livro recolhido e incinerado pela mesma mão censora...

O volume de poemas *Decadência* (obra de estréia de Judith) foi arrastado ao caminho da execração pública. Ataques incessantes desferidos contra a sua autora se sucediam a cada obra que ela insistia em publicar depois. Passou-se coisa semelhante com *Nua – Poemas de Bizâncio*; com *Castelo de Sombras*; com a sua conferência *De Mim*. Judith se viu então bombardeada por uma certa imprensa, alvo de baixas caricaturas, onde é retratada de maneira indecente, apodada de “desavergonhada”, de escrever “porcarias sexuais”, a ponto de Amarelle (o caricaturista de plantão) a encarnar como uma “*viande de paraître*”! É bom não esquecer que, dentre os mais fervorosos detratores de Judith, se acha o jovem Marcelo Caetano.⁶

Vilipendiada de muitas maneiras, Judith desaparece da cena pública portuguesa, mudando-se não se sabe para que lugar do mundo, só retornando a Portugal em 1952, apenas para morrer. O caso de Judith Teixeira é bem o de um pungente e forçado suicídio em vida! (ver Dal Farra, 2008)⁷. Por sua vez Florbela, embora tivesse passado em brancas nuvens pela crítica portuguesa no transcorrer de sua curta vida, fora, durante esse mesmo sopro “justiceiro” do ano de 1923, de repente apercebida e (por isso) muito ultrajada pelo jornal católico *A Época*. Seu

⁵ Existe cópia da revista *Europa* na Biblioteca Particular de Pessoa: <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/0-34LMR>

⁶ Todas as informações em pauta foram colhidas em Teixeira (1996).

⁷ Lembro que em março de 2015 foi publicada a obra completa da poetisa, com organização e estudos introdutórios de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva, que achega mais luz à vida e à produção desta (tão maltratada!) única poetisa portuguesa modernista.

Livro de Sórora Saudade é acusado de ser uma obra “pagã” e sua autora uma “escrava de harém”. Impingem-lhe (nessa admoestação) que se purgue do que escreve pedindo “perdão” e purificando seus indignos lábios com... “carvão ardente”! (ver Dal Farra, 1996).

Se tais destratos não chamaram a atenção de Pessoa para Florbela, é bem provável que uma matéria ardente – transcorrida na mídia portuguesa em 1930, em sobressaltados capítulos alimentados com a presença da polícia internacional em Portugal – pudesse ter atraído o olhar de Florbela para Pessoa. Refiro-me ao confuso “desaparecimento” do Mago inglês Aleister Crowley em Cascais, na Garganta do Diabo, evento que contou com Pessoa como cúmplice e coadjuvante. É certo que, justo na altura deste episódio rocambolesco, Florbela recebia em Matosinhos o seu derradeiro fã, o professor italiano Guido Battelli, que se ocupava (então) das provas tipográficas de *Charneca em Flor*, volume que só viria à luz postumamente. Mesmo assim, os ecos sensacionalistas de Pessoa, transbordantes do noticiário nacional, não a teriam alcançado por lá?

Aleister Crowley tinha 55 anos quando, em setembro de 1930, chega a Lisboa desembarcado do “Alcântara” e acompanhado da jovem alemã de 19 anos, a Miss Jaeger, conhecida também como a “monster escarlate”. Dias depois, com a ajuda de Pessoa, o enigma é encenado nessa falésia marítima rochosa de difícil acesso (a Boca do Inferno ou a Garganta do Diabo) na estrada de Cascais. Crowley planta ali pistas que apontam tanto para o seu suicídio quanto para o seu assassinato, fatos amplificados pelos jornais em alvoroço.

O *Notícias Ilustrado* publica, em 5 de Outubro de 1930, um longo testemunho de Pessoa onde se reitera o desaparecimento do Mestre. E, a partir daí, o poeta vai botando lenha na fogueira por meio de outras tantas entrevistas, acrescentando, a cada vez, mais um e outro detalhes. E o suspense vai rolando até que a polícia constate que, numa fronteira portuguesa, fora registrada a passagem do Mago (vivo, inteiro, sadio e bem-acompanhado da Miss Jaeger) a caminho de... França. Fica-se então a saber que Crowley tinha sido agente duplo (dos ingleses e dos alemães) durante a Primeira Guerra e que usara o *forfait* português como expediente para poder se mandar a salvo (e com a sua acompanhante) para a Alemanha, onde passara a viver. Pessoa, no entanto, há de sustentar (até o fim) a morte e a ressurreição de Crowley, chegando mesmo a escrever uma novela sobre tal episódio.

Como é notório, na década de sessenta, Crowley será recuperado pelos movimentos de contra-cultura. Ele comparece na foto coletiva do *Sargent Pepper's Lonely Heart Club Band* (o célebre LP dos Beatles); é homenageado pelos *Rollings Stones*, pelo *Led Zepellin*, pelo *Iron Maiden*, pelo *Black Sabbath*, por Ozzie Osburne, por David Bowie e pelo brasileiro Raul Seixas. E há ainda outros desdobramentos que lhe dizem respeito: Mick Jagger (do *Rolling Stones*) interessa-se até em comprar a Mansão Boleskine, a célebre residência do Mago à beira do Lago Ness que,

todavia, acabou sendo vendida a Jimmy Page (do *Led Zeppelin*) que, por sua vez, a revendeu ultimamente a um importante clã esotérico da Escócia.

Sobre Miss Jaeger (a acompanhante alemã de Crowley na travessia “ocultista” pela Boca do Inferno), os jornais referem suas tiradas exuberantes nos restaurantes de Lisboa, suas cenas históricas nos hotéis da região, bem como nas proximidades de Cascais. Teresa Rita Lopes suspeita mesmo que Pessoa tivesse ficado vivamente impressionado por essa mulher com quem (é possível) ele parece ter atuado nos rituais satânico-mágico-sexuais de Crowley. Sobre ela, Pessoa teria escrito um poema que se conclui assim:

Apetece como um barco.
Tem qualquer coisa de gomo.
Meu Deus, quando é que eu embarco?
Ó fome, quando é que eu como?⁸

Florbela teria ignorado tais lances pessoanos? Difícil saber. Em tempos diversos e por transversos caminhos, ambos foram editados pela *Seara Nova*, revista dirigida (dentre outros) por Raul Proença. De Pessoa, seria publicado postumamente ali um poema do ortônimo, “Liberdade”: “Ai que prazer | Não cumprir um dever, | Ter um livro pra ler | E não o fazer!”; e, de Florbela, que morreu em 1930, um poema dedicado a Proença, o “Prince Charmant”, onde ela se queixa de nunca encontrar aquele por quem vive aguardando⁹. Aliás, esta temática do desencontro amoroso é uma das mais persistentes na obra da poetisa, que espera inutilmente pelo Amado, pelo Eleito, pelo Desejado, pelo Infante, pelo Príncipe Encantado. Infelizmente, é o desacerto que domina essa cena. Ou o Desejado passa e não a vê, pois que chega antes e ela depois; ou ambos se vêem mas não se reconhecem; ou ambos nascem em épocas distintas e, embora feitos um para o outro, jamais hão de se topar.

Por outro lado, a tópica do eu dividido ou multiplicado está por toda a parte em ambos. Em Florbela, a dispersão ou a presença de muita gente dentro de si encarna uma questão que remete às fantasmagorias do feminino, aos desdobramentos culturais da mulher. Para Pessoa, esta constante se põe de outra maneira (e também como um topos da modernidade), visto que, em Pessoa, há uma determinação de ser muitos para sentir tudo de todas as maneiras. Florbela, por seu turno, é imparavelmente uma e outra e outra: é a irmã, a sedutora, a impossível, a voluptuosa, a panteísta, a amiga, a sóror, a pária, a Princesa

⁸ Citado por Teresa Rita Lopes, que não resiste a “acrescentar que esta mulher lhe enviou cartas de grande intimidade, o que me leva a crer que Pessoa participou de alguma maneira nos rituais satânicos, mágico-sexuais, que ela realizou com Crowley durante a estadia em Lisboa” (2008: 62).

⁹ Segundo me esclarece (no mesmo email de 11/05/2015) Jerónimo Pizarro, “Pessoa foi um searista póstumo – em 1937 – porque o censor de 1935 percebeu as alusões a Salazar em ‘Liberdade’”. O soneto “Prince Charmant” de Florbela, dedicado a Raul Proença, foi publicado na *Seara Nova*, a 1 de agosto de 1922.

Desalento, a deusa, a Infanta do Oriente, a Castelã da Tristeza, a Princesa Encantada. Ela sofre, como se identifica, de um “pavoroso e atroz mal”: o de trazer “tantas almas” a rir dentro da sua.¹⁰

Também surpreende-se outro ponto de contato entre ambos ao cotejar-se a correspondência amorosa de Pessoa a Ophelia com a de Florbela a Guimarães; aproximação que só se tornou possível a partir de 2008, quando foi dado a lume o montante inédito das cartas amorosas de Florbela àquele que ia se tornar o seu segundo marido. Aquando da troca dessa correspondência, ambos os casais vivem na mesma cidade, Lisboa, e praticam – espantosamente! – a mesmíssima estratégia de encontros amorosos!

Em final de 1919 e início de 1920, Florbela continua oficialmente casada com seu primeiro marido, muito embora não viva mais com ele. É nessa data que ela conhece António Marques Guimarães, solteiro e alferes da Guarda Nacional Republicana, e por ele se apaixona, mas a situação embaraçosa impede que eles se vejam e se falem. Assim, a única maneira que engendram para estarem juntos com certa discrição é a de se encontrarem “casualmente” dentro de um coletivo; para o caso, dentro de um... elétrico. De resto, a combinação é muito bem urdida: Florbela toma, na frente da sua casa, um elétrico e, algumas paragens depois, Guimarães entra no mesmo transporte. Demonstrando provável surpresa em vê-la ali, ele a cumprimenta, acomoda-se a seu lado e a acompanha até o final da linha, retornando em sua companhia. Mas em vez de descerem, os amantes (de acordo com as carências de momento e a urgência das conversas) prosseguem no transporte até que possam se despedir condignamente. Isso significa que acontece de irem e virem (do início ao fim da linha) quantas vezes forem necessárias para botarem os assuntos em dia. Daí que escolham inapelavelmente o trajeto mais alongado: o do Dafundo ou do Lumiar ou do Poço do Bispo.

Numa de suas cartas, Florbela, já refeita do extenso percurso diurno, e com muito bom humor, confessa que hoje (11 de março de 1920) está cansada de tanto “movimento”. E pergunta ao namorado:

Então, Vossa Mercê digna-se mostrar satisfeito do passeio à Conchinchina? Eu estou fatidagíssima, e nem as extravagantes e complicadíssimas viagens de Júlio Verne, nem mesmo a da lua ou a das cinco semanas em balão, me poriam mais estafada e me dariam maior vontade de criar raízes num qualquer sítio. Parece-me que me curei da minha paixão pelo eterno movimento, e que estou uma menina pacata e bem educada, pelo menos por três dias: achas pouco?!...

(2008: 107)

¹⁰ De resto, o soneto referido, o intitulado “Loucura” (constante do póstumo *Reliquiae*), é textualmente citado em “À Margem Dum Soneto”, conto de Florbela, em que se tematiza uma poetisa e uma romancista que padecem literalmente desse estado de “despersonalização” (Espanca, 1996: 229). Cf. Dal Farra (2012).

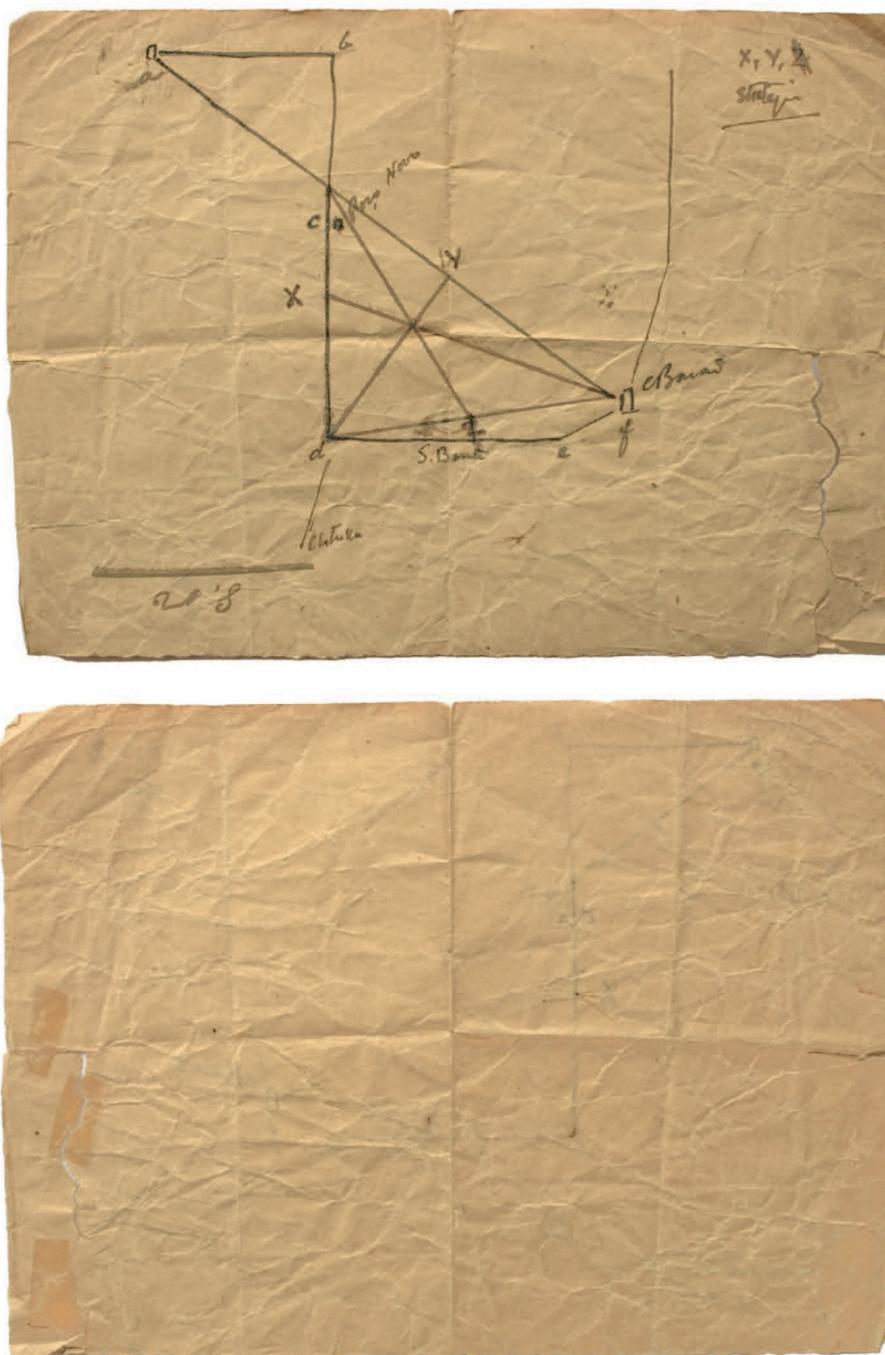


Fig. 2. Papel amarelado com plano estratégico (“Strategic”) que Pessoa tinha desenhado para passear com Ophelia. O mesmo consta dos percursos possíveis de elétrico mais compridos para poderem passar mais tempo juntos. Os lugares marcados são “Poço Novo”, “C[alçada] [da] Estrella”, “S. Bento” e “C[onde] Barão” (in Pizarro, Ferrari, Cardiello, 2013: 184).

O espantoso nisso tudo é a enorme coincidência.

Logo no início do namoro, Pessoa e Ophelia também atravessam uma fase de clandestinidade. As razões são bem outras: Pessoa evita se comprometer e não quer ser apresentado à família da namorada; pretende, sim, manter a relação em sigilo – e se valem, ele e Ophelia, de semelhantes recursos. Preferem trilhar as linhas do... elétrico e, aliás, as mesmas escolhidas pelo casal florbeliano! Elegem os mesmos trajetos palmeados por Florbela e Guimarães e (para culminar!) os percorrem durante os mesmos meses em que também o casal florbeliano os perfaz!

Numa carta do poeta para Ophelia, já da última fase do namoro (a 14 de setembro de 1929), ele relembra saudoso essa prática do primeiro tempo do relacionamento, a que apoda de encontros... “ao acaso”. Cito-o:

Pequenina:

Gostei muito da sua carta, mas gostei ainda mais do que veio antes da carta, que foi a sua própria pessoa. Enfim, a viagem entre o Rocio e a Estrela, que não costuma ser uma coisa muito transatlântica de beleza, foi ontem duas vezes agradável, salvo no fim da segunda vez, porque, por ontem, acabou ali. Se tivesse sido, em vez de transatlântica, transvidiana (curiosa e inexplicável expressão!), teria sido preferível até ao preferível a tudo que foi. [...]

Se um dia qualquer por um daqueles lapsos em que é sempre agradável cair de propósito, nos encontrássemos e tomássemos por engano o carro do Lumiar ou do Poço do Bispo (35 minutos), haveria mais tempo para estarmos encontrando-nos ao acaso.

(1978: 139)

Por outro lado, enquanto Florbela nomeia o destino sensual da sua viagem com Guimarães como sendo aquele de ida à “Conchinchina”, no código amoroso do casal pessoano, a linha erótica que eles tomam segue em direção da “caça aos pombos”, no rumo do “Pombal” ou da “Índia”, que é como eles a mencionam na intimidade. Na falta dessas “viagens”, Pessoa confessa a Ophelia, em carta de 24 de setembro de 1929, que:

Queria ir, ao mesmo tempo, à Índia e a Pombal. Curiosa mistura, não é verdade? Em todo o caso é só parte da viagem.

Recorda-se d’esta geografia, Vespa vespíssima?

(1978: 144)

Nos testemunhos de Ophelia, que abrem a edição das *Cartas de Amor* (1978) por David Mourão-Ferreira, a ex-namorada do Poeta também refere tais longas travessias. Conta ela que, sobretudo após a greve de maio de 1920, Pessoa a convidava costumeiramente para esses longos itinerários, propondo-os desta maneira:

[...] que tal se nos enganássemos e nos metêssemos num carro para o Poço do Bispo?

(1978: 35)

Tais testemunhos podem levar a supor que, praticando o mesmo estratagema amoroso de encontro clandestino para iguais destinos (e isso na mesma faixa temporal de meados de 1920¹¹), os dois casais pudessem (quem sabe?) terem-se visto ou se cruzado dentro dos mesmos transportes coletivos... E por que não?!

A crer no Fado, não é impossível que Florbela e Pessoa tenham se notado ou (mesmo não tendo se apercebido um do outro) que tenham compartilhado não só de uma, mas de várias dessas viagens “transvidianas”! E, nesse caso, a tónica do desencontro em Florbela pode adquirir todo o sentido para além da sua poética, a ponto de se ancorar na própria realidade.

Quem garante que Pessoa não pudesse ter sido, para Florbela, o tal Prince Charmant tão aguardado durante toda a sua vida? Quem garante que ela (por um golpe do destino) não o pudesse ter reconhecido, *en passant*, como tal?¹²

Certamente há nisso delírio. Mas, sob tal impulso de verossimilhança, eis aqui cinco poemas que estimulam essa versão. Compostos da perspectiva da Florbela depois de morta, e, portanto, de uma Florbela já conhecedora destas derradeiras especulações e suspeitas, de uma Florbela-leitora-assídua da obra de Pessoa, os poemas compõem uma espécie de missiva, de fragmentos de cartas escritas por ela para (desde a eternidade) para conversar com ele. Podem (por isso) suscitar uma nova epistolografia, quem sabe uma epistolografia transcendental, visto que é plausível que Pessoa (cavalheiro como era) lhe responda... O conjunto é dedicado a uma secreta pessoa entre ambos: o Eduardo Lourenço.

¹¹ O período referido compreende o espaço temporal do final de 1919 (a primeira carta de Pessoa data de 28 de novembro de 1919, e a de Florbela, não sendo possível precisar, data, pelo menos, de longo período antes de 4 de março de 1920) até 6 de julho de 1920, no caso de Florbela, ou até 1 de dezembro de 1920, no caso de Pessoa.

¹² Estou pensando sobretudo no poema “A une passante”, de Baudelaire...

1

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos
eu era infeliz
e já estava morta.
Filha ilegítima de pai incógnita, irmã de ninguém mais,
nunca
(ao volante do chevrolet pela estrada de
Cascais) tive direito a truques
ou psicografias.

Nesta negra cisterna em que me afundo
prendi espinhos
sem tocar nas rosas. Caro me cobraram a audácia
mas nem o Crowley conheci. Perdi-me
para me encontrar
e por fim achei-me:

ao pé de uma parede sem portas.

Quis amar, amar
– e amei perdidamente...
mas por dois maridos seguidos
(e desigualmente)
fui dobrada
à moda do Porto.

Mas tu, Fernando, mesmo
te afundando na garganta do diabo

(de Miss Jaeger? Olha que não é Mick Jagger
mas Jimmy Page quem vive na Boleskine
à beira do Lago Ness)

– sabiamente te ocultaste por baixo da
gabardine e do teu oblíquo guarda-chuva,
seguindo atento pra além doutro oceano, ocultismos adentro.
Sempre te restou intacto e seco (ó Pacheco!)
o digno fato negro de mago
das palavras
e de cavalheiro das moças.

Mesmo
dos teus flagrantes delitos fizeste humor... Mas foi
num desses copos que afogaste Ophelia. E as outras –
Mary (com quem lias Burns)
Daisy, Cecily, Chloe
a noiva em cio do epitalâmio
Lídia, Neera, Maria
a *monster escarlate*
e mesmo as invertidas (como tu dizias)
– todas têm-te em alto apreço.

Mas o que foi feito de Freddie, o Baby?!
Ignoramos, Campos. Somos estrangeiros onde quer que estejamos.

2

No dia em que festejavam os meus anos
festejam
hoje
a minha morte.
Já não ouço passos no segundo andar, estou
sozinha com o universo inteiro. Oh inexplicável horror
de saber que esta vida é a verdadeira! Qualquer que seja ela
é melhor que nada!
Perante a única realidade que é o mistério de tudo
(e tudo é certo, logo que o não seja)
confesso-te, Nando:
sempre te esperei.

Emissário de um Rei desconhecido passaste (entanto)
ao largo desta Princesa Desencanto,
órfã e órfica!
Jamais vieste ter comigo naquela rua da Baixa e no entanto cruzaste por mim
que vim ao mundo só para te achar –
embora na vida nunca me encontrasses!

Prince Charmant,
vi-te nas névoas da manhã
quando ias de carro prô Lumiar.
Seguias (recordas tal estranha geografia?) para o Pombal e para a Índia,

e eu para a minha Conchinchina.
Ah, as malhas que a República tece! Comigo,
o meu Alferes;
contigo, a tua Bebé das calcinhas rosas,
a hamleteana amorosa.

No entanto, Fernando, jamais pressentiste
que fosse eu
a Olga dos oráculos?! Aquela
de que tens saudade sem saber por que?
Aquela que, na noite voluptuosa (ó meu Poeta!),
é ainda o beijo que procuras?

E entretanto, tu, ou alguém por ti na tua arca
(e é do último sortilégio que se trata)
tem afirmado seres a alma gêmea, igual a mim,
nesse pavoroso e atroz mal de trazer tantas outras a gemer dentro da minha!

Mas por que chegaste tarde, ó meu Amor?
Que contas dás a Deus
passando tão rente a mim

sem me encontrares?!

3

E agora que te vejo e que te falo
não sei se te alcancei
se te perdi.
É que guardo
antiga zanga contra ti, Fernando. Deploro o que não fizeste por Judith
e por sua *troupe* de toda a *Europa*
– gente que, afinal, ficou sem eira nem Teixeira!

Quem incinerou-lhe os versos só lhe viu
a carne *Nua* que *viande de paraître*
e tosquiou-a verrinamente em esfinge. Mas era também
De Mim que ela falava, de todas nós, as outras:
do nosso direito à vida, à ética, à arte – à luxúria!
E pensar que tu, Pessoa
(honra da *Literatura de Sodoma!*)

só foste leal ao Raul e ao Botto (o invejoso):
Judith jamais te existiu!
Seria a tua célebre fobia a... trovoadas?

Noto que uma ignota linguagem fala em nós, Álvaro!
Sempre conheceste, afinal,
alguém que tivesse levado porrada!

Mas hoje que a tarde é calma e o céu tranqüilo:
– cadê o teu decadentismo?
Teus *Poemas* também são *de Bizâncio*, caro Íbis,
e (talvez por isso)
foste embirrar com a única mulher modernista!

Deveras. O dia deu em chuvoso.

4

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos
uma como que lembrança do meu futuro féretro me estremece o peito.
Nesta hora absurda
(pousada sob o fausto do meu claustro de *Sóror Saudade* –
ó suntuoso túmulo de morta!)
virada no avesso e sem meus ossos
– tropeço na sombra lúgubre da Lua que
lá fora (Satanás!)
seduz!
Tenho ódio à luz e raiva à claridade
e não estou de bem com Deus só por medo do Inferno. Que ninguém
me faça a vida! Deixem-me ser eu mesma!

Esta sou eu – a Bela
a Intangível, a leve águia na subida
– tal como resultei de tudo.

Ah, um verso meu de amor
que te fizesse ser eterno por toda a eternidade,
ó Desejado, Eleito, Infante, Amante!
Minha boca guarda uns beijos mudos
minhas mãos uns pálidos veludos, e noite e dia
choro e rezo e grito e urro –

e ninguém ouve... ninguém vê... ninguém...

Se me quiseres, Fernando,
hás de ser Outro e Outro num momento
princípio e fim, via láctea fechando o infinito!
Eu sonho o amor de um deus!...

Vê, repara, Nando, dá-me as tuas mãos...
Alguma coisa em mim nasceu antes dos astros
e viu
lá muito ao longe
começar o sol...

5

Se ridículas são todas as cartas de amor
as minhas
(em verdade)
não passam de uma necessidade voraz
de fazer frases...

Tão pobres somos, Nando,
que as mesmas palavras usamos
para afirmar ou falsear.
Mas aclara-me, Fernando:
o que impede um vero e injusto Fado
de ser criado?!

Tudo coexiste! O mundo
é uma teia urdida só de sonho e erro.
A vida... branco ou tinto, é o mesmo: é
pra vomitar!

Brindemos ambos, inda que não mais possamos:

– viva o bicarbonato de soda!

Bibliografia

- DAL FARRA, Maria Lúcia (2012). “À Margem Dum Soneto”, in Florbela Espanca, *Afinado Desconcerto*. São Paulo: Iluminuras, pp. 104-110.
- ____ (2008). “Judith Teixeira”, in *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Fernando Cabral Martins, coordenador. Lisboa: Caminho, pp. 845-846.
- ____ (1996). “Florbela: um caso feminino e poético”, in Florbela Espanca, *Poemas*. São Paulo: Ática, pp. IX-XLIV.
- ESPANCA, Florbela (2012). *Afinado Desconcerto*. Organização de Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: Iluminuras.
- ____ (2008). *Perdidamente (Correspondência Amorosa 1920-1925)*. Fixação de texto, organização, apresentação e notas de Maria Lúcia Dal Farra; prefácio de Inês Pedrosa. Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi/Câmara Municipal de Matosinhos.
- ____ (1996). *Poemas*. Edição de Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: Ática.
- ____ (1994). *Trocando Olhares*. Estudo introdutório, estabelecimento do texto e notas de Maria Lúcia Dal Farra. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- LOPES, Teresa Rita (2008). “O falso virgem”, in *Egoísta*, número especial, Lisboa, Casa Fernando Pessoa, junho, pp.60-64.
- KAMENEZKY, Eliezer (1932). *Alma errante: poemas*. Prefácio de Fernando Pessoa. Lisboa: Empresa do Anuário Comercial.
- PESSOA, Fernando (1996). *Correspondência inédita*. Organização de Manuela Parreira da Silva; prefácio de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Livros Horizonte.
- ____ (1978). *Cartas de amor*. Organização, posfácio e notas de David Mourão-Ferreira; preâmbulo e estabelecimento do texto de Maria da Graça Queirós. Lisboa: Ática / Rio de Janeiro: Livraria Camões. [Cf. *Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz. Correspondência amorosa completa 1919-1920*. Organização de Richard Zenith. Rio de Janeiro: Capivara, 2013.]
- PESSOA, Fernando; CROWLEY, Aleister (2010). *Encontro Magick, seguido de A Boca do Inferno (novela policiária)*. Compilação e considerações de Miguel Roza. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (2001). *Encontro “Magick” de Fernando Pessoa e Aleister Crowley*. Compilação e considerações de Miguel Roza. Lisboa: Hugin Editores.
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; e CARDIELLO, Antonio (2013). “Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz: objectos de amor”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 4, Outono, pp. 152-195.
- TEIXEIRA, Judith (2015). *Poesia e Prosa*. Organização e estudos introdutórios de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva. Lisboa: Dom Quixote.
- ____ (1996). *Poemas*. Prefácio de V. S. T. e “Scriptorium” de Maria Jorge. Lisboa: & etc.